

*Sobre Empreendedorismo e o Bem-Estar, uma homenagem ao Nobel de Economia 2015, Angus Deaton*

Não ha muitas discussões abertas nem livros escritos sobre os danos emocionais que um empreendedor pode sofrer. Isso é intangível, por isso não se comenta. O que não se pode medir, o que a ciência — também a econômica, não comprova pelos métodos mecanicistas, não é considerada válida.

Esse olhar vem sempre cheio de provas matemáticas, gráficos, teorias e mais teorias. Professores, empresários, escolas, livros, revistas, a mídia, o pensamento mecanicista, que é até hoje adotado na maioria das empresas e escolas no mundo — apesar do pensamento sistêmico ser discutido desde o início do século passado, diz que o crescimento deve se dar ininterruptamente, pró competitividade, para aumentar cada vez mais o lucro, muitas vezes sem prévia análise do impacto que isso provoca no mundo, em termos de sustentabilidade. E surge daí um modelo de crescimento muitas vezes sem ética, que não considera valores fundamentais, como o respeito pelo nosso planeta. Cito aqui a frase que muito sintetiza essa questão, dita por Eduardo Galeano: “*A história é muda ou a gente é surdo?*”

Estamos vendo todos os dias que os modelos de se fazer negócios e política estão mostrando resultados negativos, e continuamos nos iludindo com conceitos que não fazem sentido para as nossas próprias vidas.

Como isso ocorre?

Quando Ruppert Sheldrake, discursa sobre a relevância dos pensamentos, percepções e ideias “*também dos seres comuns*”, que “*os genes são superestimados*” e fala da hipótese da ressonância mórfica como base dos hábitos de evolução, ele fortalece minha idéia de que questionar modelos ininterruptamente, é fundamental.

Precisamos considerar a interconectividade, a relevância de sairmos do paradigma mecânico para o ecológico, conforme Fritjof Capra defende: “*O pensamento cartesiano é reducionista, precisamos ver o todo como indissociável*”. “*Vivemos a crise da percepção de que as coisas são separadas, de que não há interconexão entre tudo*”.

Se os hábitos da natureza evoluem, então por que acreditar em métodos que foram criados há mais de cem anos? Padrões adotados em pós-guerras e grandes crises, adotados unicamente para a recuperação rápida e necessária de economias locais, viram modelos utilizados para se escalar negócios para se competir mais e mais, crescendo além dos limites da sustentabilidade, provocando danos, principalmente no **bem-estar** dos indivíduos.

Alguns economistas e teóricos das áreas de negócios têm publicado ensaios sobre a urgência da mudança desses paradigmas, como o fez recentemente o economista André de Lara Resende no seu livro *Os Limites do Possível*, “Um dos temas mais relevantes do nosso tempo, é *como aumentar a qualidade de vida sem esbarrar nos limites físicos do planeta. Há fortes evidências de que a má distribuição de renda afeta negativamente o bem-estar.*” Nesse livro, ele cita uma pesquisa feita por dois epidemiologistas, Richard Wilkinson e Kate Pickett, que mostra que *“todos os indicadores de saúde física e emocional estão negativamente correlacionados com a desigualdade, sustentando que não apenas os mais pobres, mas também os mais ricos são menos felizes do que seriam, se a renda fosse mais bem distribuída. A partir de certo ponto o dinheiro não traz mais felicidade.”*

Precisamos encontrar e compartilhar formas de desenvolvimento de novos modelos de empresas.

Um dos caminhos é constituir empresas conjuntamente e intra-empreender, com cautela, considerando a relevância de se dar valor a problemas locais evitando desequilibrar a sustentabilidade do planeta, pensar no **bem-estar** das pessoas, não só que trabalham na empresa, mas que são impactadas por ela. Perguntar sempre: que impacto minhas ações estão provocando na sociedade, no planeta em que habito?

Empreendedores precisam conhecer e considerar essas questões, refletindo profundamente também sobre os riscos emocionais que podem sofrer ao iniciar um negócio. Devem saber fugir de padrões pré-estabelecidos. Esse indivíduo deve aprender a olhar para si, para o que já tem e que deve constantemente reconhecer, admirar e manter. Para isso, ele precisa de tempo e dedicação.

Somente a partir desse eu é que poderá perceber o mundo a seu redor, sua conexão com o todo e, a partir daí, encontrar onde e como suas ideias, seu talento, seu tempo, farão sentido.

Devemos ter mais acesso ao aprendizado holístico, a dar mais valor e dedicar tempo para meditação, alimentação consciente e contato com a natureza.

Antes de nos debruçar sobre um projeto, um negócio, devemos saber que isso estará nos conectando ainda mais com o todo ao nosso redor e deve fazer sentido para o nosso eu a partir da relevância positiva que terá para o planeta.

Creio que isso pode contribuir para uma desaceleração que pode ajudar nossa economia a chegar a um ponto de equilíbrio.

A pesquisa do Nobel de Economia de 2002, Daniel Kahneman, diz que *“a forma mais eficaz de reduzir o índice de desconforto do ser humano é criar condições para que as pessoas tenham mais tempo para socializar. Melhorar o transporte público, reduzir o tempo de deslocamentos, desenvolver soluções urbanísticas e arquitetônicas que aproximem as pessoas”*.

E a minha sugestão é: simplificar.

Tenho me interessado sobre o que provoca o **bem-estar**, nos seres humanos. Uma menor diferença entre as classes, a conectividade entre as coisas, a importância de uma menor desigualdade financeira... Como buscar um equilíbrio de distribuição de rendas, de acesso aos bens comuns, de diálogo com respeito por todas as partes, para que nossas ações não impactem nunca negativamente sobre o todo. O nosso planeta deve viver em harmonia para poder se desenvolver adequadamente rumo ao seu propósito.

Empreender com consciência, primeiro se conhecendo e reconhecendo o mundo ao redor. Quem somos nós aqui a partir do ver o mundo em que vivemos, “do planeta e todos os seres humanos e outros além dos humanos que aqui habitam?” (Um termo sempre usado por Satish Kumar)

Empreender não é fugir de um emprego. E por que é que o desenvolvimento de um trabalho pessoal está quase sempre relacionado a emprego? As escolas nos ensinam que temos que estudar para ter uma profissão, para ter um emprego, para com isso ganhar dinheiro e conseqüentemente vem o sucesso, e que isso traz felicidade... E como isso não está ocorrendo com a grande maioria das pessoas, me volta à mente a frase do Galeano, “a história é muda ou a gente é surdo?...”

Na sociedade capitalista que vivemos, na forma como esse capitalismo está constituído, somos condicionados a admirar — os outros e nós mesmos, a partir da quantidade de dinheiro que fazemos. E passamos a dedicar a vida para ganhar dinheiro para conquistar o que talvez não precisemos. Por isso muitas vezes não sentimos prazer pelo que conquistamos, por ser um desejo padrão, não o nosso.

Baseado em que padrões de “sucesso”, são formadas as metodologias de ensino acadêmico?

E se aprendêssemos primeiro a medir quanto dinheiro precisamos para viver? Estou desenvolvendo uma tabela que nos ensine a listar o que já temos para, a partir daí aprender a admirar isso que temos, a dedicar tempo para a manutenção desses bens e só a partir daí sabermos o que falta e quanto tempo temos para nos dedicar a ganhar dinheiro para suprir isso que nos falta.

De que precisamos para sentir **bem-estar**?

Talvez menos \$ necessário implique em menos tempo de trabalho. Mais tempo disponível = a menos recursos necessários. Creio que os valores estão invertidos, que desaprendemos a dar valor a fatores que são básicos para a formação de um indivíduo, que deve sim buscar sempre o seu **bem-estar**, considerando que para obter o seu, o do sujeito a seu lado também deve existir.

Devemos saber admirar isso tudo e, a partir daí, escolher caminhos a percorrer, caminhos que não só atendam aos nossos sonhos ou às expectativas de investidores, mas que sejam de um tamanho sustentável, possível para as pessoas e para o mundo em que vivemos.

Isabella Prata